

CINEMATECA PORTUGUESA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE 1)

20 de janeiro de 2025

BROKEN ARROW / 1950

FLECHA QUEBRADA

um filme de **Delmer Daves**

Realização: Delmer Daves / **Argumento:** Michael Blankfort, baseado na novela "Blood Brother" de Elliott Arnold / **Director de Fotografia:** Ernest Palmer / **Música:** Hugo Friedhofer, dirigida por Alfred Newman / **Montagem:** J. Watson Webb Jr. / **Direção Artística:** Lyle Wheeler, Arthur Hogsett / **Cenários:** Thomas Little / **Interpretação:** James Stewart (Tom Jeffords), Jeff Chandler (Cochise), Debra Paget (Sonseeahray), Basil Ruysdael (general Howard), Will Geer (Ben Slade), Arthur Hunnicutt (Duffield), Raymond Bramley (coronel Bernall), Jay Silverheels (Goklia), Joyce MacKenzie (Terry), Argentina Brunetti (Nalikadeya), Jack Lee (Boucher), Robert Adler (Lonergan), Harry Carter (Miner), Robert Griffin (Lowrie), Bill Wilkerson (Juan), Mickey Kuhn (Chip Slade), Chris Willow Bird (Nochalo), J. W. Cody (Pionsenay), John War Eagle (Nahilizay), Iron Eyes Cody (Teese), Robert Foster Dover (Machogee), Charles Soldani (Skinyea), John Marston (Maury)

Produção: 20th Century-Fox / **Produtor:** Julian Blaustein / Cópia: DCP, Technicolor, V. O. em inglês e legendada eletronicamente em português / **Duração:** 92 minutos / **Estreia Mundial:** Agosto de 1950 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 2 de Abril de 1951

No nº 72 da revista *Positif*, de Dezembro de 1965-Janeiro de 1966, há um depoimento de Delmer Daves:

“**A Flecha Quebrada** foi o primeiro dos meus westerns. Os que lhe sucederam completam o panorama histórico e social do Oeste americano que eu desejava pintar, desde a época dos índios aos nossos dias. [...] Diz-se que **A Flecha Quebrada** foi o primeiro western adulto do sonoro. Tentámos mostrar os apaches não como selvagens mas como seres humanos. [...] O tema central do filme é a necessidade de compreender os nossos vizinhos, sem distinção de raça e de cor de pele, de modo a chegarmos ao único género de vida razoável que é a vida pacífica. [...] Trata-se, antes do mais, de um filme histórico, apresentando factos, com um mínimo de invenção romanesca. [...] Se tornasse a realizar **A Flecha Quebrada** que alterações faria? Creio que a principal seria a forma de me servir da câmara. No Verão de 1949, quando rodava este filme nas proximidades de Sedona, no Arizona, a grua ainda não tinha sido adaptada aos terrenos muito acidentados que quis mostrar (pela primeira vez no écran) no filme. Tive, pois, que me contentar com as câmaras tradicionais. Disponha daquilo que chamávamos uma 'Ole Blue' que não podia erguer-se como as gruas modernas mas apenas descer e, ainda assim, de maneira pouco segura. Só a utilizei para os enquadramentos elevados sem ter que construir plataformas. Mas neste filme tentei, sobretudo, delimitar a parte técnica. Esforcei-me por fazer desaparecer a câmara, para que o público não reparasse nela, afim de acentuar a veracidade das cenas. [...] Com este conteúdo erraria se tentasse realizar um filme lírico, poético. Se o refizesse, tentaria acentuar ainda mais o realismo das cenas, dos diálogos

e dos cenários. (...) Utilizaria, portanto, a grua sistematicamente, sem nunca entrar a expressão da verdade.”

Esta citação é longa mas frutuosa porque dela se recolhem dados cruciais para melhor penetrarmos no ponto de vista de Delmer Daves. A questão técnica, a questão da grua, não é de todo dispensável porque, à boa maneira da escola clássica americana, “os meios são a mensagem”, ou seja, a narrativa é construída à medida da técnica disponível. A prova disso é que o realizador declara ter necessitado de uma grua para que as imagens “conquistadas” ao cenário pudessem ter uma correspondência mais acentuada com as intenções de realismo que a elas presidiram. E nestas intenções temos um dos nós mais interessantes de **Broken Arrow**.

Delmer Daves considera **Broken Arrow** o “primeiro western adulto do sonoro” pela mesma razão que hoje o podemos considerar como o primeiro exemplo moderno de um western “revisonista”, ou seja: um que trate de maneira equivalente os dois pontos de vista em conflito, o dos apaches e o dos brancos. “Adulto” aqui é uma questão de construção do argumento – e era em torno deste ponto que os clássicos de Hollywood entendiam a maior ou menor maturidade de um filme – sendo que os “pormenores” de natureza narrativa (narrativa das imagens, ou **cinema**) eram remetidos para uma ideia de mero *savoir faire*. Se isto não for assim entendido então o melhor é deitar **Stagecoach** de Ford ou **Red River** de Hawks para o caixote do lixo... Embora o Inferno esteja cheio de boas intenções, **Broken Arrow** vai direitinho para o céu, apesar das intenções de Delmer Daves, porque na sua segura visual, no modo dinâmico como vai concatenando a narrativa e na meticulosa direcção de actores (direcção com a câmara, evidentemente), nele se vêem e sentem todas as virtudes essenciais que transformam o seu filme numa obra passível de ser designada como Arte, e não apenas numa “história bem contada”.

Mas o mais interessante das palavras de Delmer Daves pode bem ser o facto de ele considerar que **Broken Arrow** manifesta um enorme pendor realista, sem grande lirismo ou “invenção romanesca”. É maior sobressalto no ritmo e na organização formal do filme a paixoneta entre James Stewart e Debra Paget. É verdade que por um lado, e de acordo com o programa do realizador, acentua a comunhão inter racial, mas não menos verdade será que o faz de modo demasiado evidente e em cenas que não é difícil considerar como parêntesis ao fluir de **Broken Arrow**. Só que basta determo-nos na construção narrativa do filme para que mesmo no fim possamos entender a sua absoluta necessidade. É que apesar da marca da dor profunda Stewart não abdica do ideal que abraçou e assim cresce a sua personagem. Por outro lado é a morte de Debra Paget que sela a paz alcançada, ou seja: é fundamental que o obstáculo da dor intervenha para que o ideal ganhe uma verdadeira consistência.

Delmer Daves não deve ter hesitado em escolher James Stewart para o desempenho principal de **Broken Arrow**. Se havia actor que fosse o protótipo do voluntarista (mais do que do ingénuo), do pacificador (mais do que do diplomata), do bem intencionado (mais do que do puro), do idealista (mais do que do utópico), era ele. Todavia, foi nesse mesmo ano com Anthony Mann em **Winchester 73** que os olhos azuis cristalinos de James Stewart ganharam outro sentido e revelaram uma amargura profunda, até então entrevista (e bem entrevista em **Broken Arrow**) mas nunca exibida...

José Navarro de Andrade